

**MULTIMODALIDADE EM CHARGES JORNALÍSTICAS DO MEIO DIGITAL: ASPECTOS
SOCIOCOGNITIVOS DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Jaqueline Barreto Lé (UFRB)

jaquelinele@uol.com.br

Sílvia Letícia da Silva Santana (UFRB)¹

silvialethy@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo objetiva analisar como os recursos multimodais interferem na leitura e construção dos sentidos, caracterizando o contexto sociocognitivo envolvido no processamento textual. Para tanto, foram analisadas 30 charges do jornal digital Folha de São Paulo, verificando as etapas de ativação dos objetos de discurso a partir do signo visual proposto por Kress e Van Leeuwen (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade. Leitura. Signo visual.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze how multimodal resources interfere in the reading and construction of meanings, characterizing the socio-cognitive context involved in textual processing. For this purpose, we analyzed 30 cartoons from the digital newspaper Folha de São Paulo, verifying the stages of activation of the speech objects from the visual sign proposed by Kress and Van Leeuwen (2006).

KEYWORDS: Multimodality; Reading; Visual Sign.

¹ Jaqueline Barreto Lé é doutora em Linguística pela UFRJ, professora adjunta de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Sílvia Letícia da Silva Santana é Licenciada em Letras: Língua Portuguesa/ Língua inglesa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

0. Introdução

O acelerado desenvolvimento provocado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), além de facilitar o acesso e a circulação de informações, desencadeou profundas mudanças na forma de representação e produção dos significados. Em consequência disso, intensificou-se a “necessidade da revisão, e ampliação, de alguns conceitos basilares no campo dos estudos das interações humanas e no âmbito dos estudos do processamento textual” (DIONÍSIO, 2011, p. 138).

Um desses conceitos que precisou/a ser revisto é o de texto que passou/a a materializar-se em novas textualidades, tornando-se cada vez mais híbrido, elástico e, portanto, multimodal. Se antes, as imagens eram vistas numa perspectiva de ornamentação e adorno, sendo as formas verbais consideradas a essência do texto, hoje outras formas de representação (imagens, movimentos, sons, infográficos, áudios, dentre outros) são analisadas, em relação harmônica, como portadoras de significados.

Posto isto, concordamos com Ribeiro (2018, p. 71) que as “imagens também são textos, podem ser lidos e interpretados, solicitam alguma sistematização e provocam processos simbólicos”. Logo, é preciso considerar os diversos elementos constitutivos da tessitura textual, desde as cores, as tipografias, as tonalidades, as saliências e mesmo o enquadramento, bem como os aspectos sociocognitivos interacionais, por ocasião do processamento textual.

Concebemos, assim, o texto como um “[...] evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios de cabeça, elementos pictóricos, gráficos e etc)” (HEINE *et al*, 2018, p. 18). Diante de tal concepção, percebe-se a necessidade de um maior aprofundamento das discussões em torno do fenômeno da multimodalidade, através da análise dos recursos multimodais que interferem/potencializam na/a leitura e construção de sentidos, tendo em vista que “vivemos em uma sociedade cada vez mais visual, na qual imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” (DIONÍSIO, 2011, p.139).

Nesse contexto, consideramos que alguns dispositivos da Gramática do Design Visual, doravante GDV, de Kress e Van Leeuwen (2006), a qual está inserida

na perspectiva teórica da Semiótica Social, potencializam os estudos da multimodalidade. Em tal concepção, assim como as estruturas linguísticas, as estruturas visuais apontam para interpretações particulares da experiência e formas de interação social, sendo os sentidos construídos sociohistoricamente.

Assim, diante desse entendimento, constitui objetivo deste estudo analisar os diversos recursos multimodais que atuam na construção de sentidos, adotando como *corpus*, o gênero charge, coletado no jornal digital *Folha de São Paulo*, no período de janeiro à outubro de 2018, que retrata o contexto político brasileiro.

O artigo está organizado da seguinte forma. Inicialmente, apresentamos uma revisão bibliográfica no que tange aos conceitos de multimodalidade, Gramática do Design Visual e leituras de mundo e, em seguida, é apresentada a metodologia e a análise de dados, as considerações finais e referências.

1. Aspectos conceituais sobre o fenômeno da multimodalidade

Os estudos sobre a multimodalidade começaram a desenvolver-se a partir de 1996, momento esse em que um grupo de pesquisadores (Mary Kalantzis, Gunther Kress, James Paul Gee, dentre outros) reuniram-se na cidade de Nova Londres (EUA), com o objetivo de discutir as mudanças que os textos estavam sofrendo e, conseqüentemente, exigindo novos letramentos. Esse grupo é conhecido como Grupo de Nova Londres (GNL- *New London Group*).

Para eles, “o mundo estava mudando aceleradamente na globalização: explosão de mídias, diversidade étnica e social das populações em trânsito, multiculturalidade” (ROJO; MOURA, 2019, p. 20), impactando diretamente nos textos, que se tornavam cada vez mais multimodais, abarcando uma multiplicidade de linguagens, bem como a diversidade cultural e linguística das populações, acarretando mudanças sérias na educação.

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2001; 2006), o fenômeno da multimodalidade trata-se de um campo de estudo preocupado em investigar como os modos semióticos são produzidos, distribuídos e interpretados na paisagem semiótica².

² Segundo Kress e Van Leeuwen (2006, p. 35), *paisagem semiótica* é o lugar da comunicação visual em uma determinada sociedade, entendido dentro de um contexto de, por um lado, a variedade de

Definimos multimodalidade como o uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados – podem, por exemplo, reforçar-se mutuamente (“dizer a mesma coisa de formas diferentes”), desempenhar papéis complementares” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 20).

Ainda segundo os pesquisadores, os significados são produzidos na interação social. “Isso faz do social a fonte, a origem e o gerador de significado, de processos e formas semióticas” (KRESS, 2010, p. 54). Partindo dessa acepção, a paleta de cores, por exemplo, tem uma carga simbólica construída a partir da materialidade social, cultural e histórica. A cor preta é concebida para alguns como luto, para outros é o branco e, em determinados contextos culturais, é a cor utilizada pela noiva no dia do casamento.³

É no social, também, nas atividades práticas da vida cotidiana, que os enunciados organizam-se em gêneros discursivos. Segundo Bakhtin (2011), os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, presentes em cada esfera da atividade humana, refletindo suas condições específicas, materialidade discursiva e finalidades, sendo constituídos por meio de três elementos básicos intrinsecamente relacionados: conteúdo temático (conjunto de temáticas que podem ser abordadas por um determinado gênero), estilo (seleção de recursos linguísticos) e construção composicional (estruturação e organização interna dos enunciados).

Ao conceber os gêneros como entidades relativamente estáveis, o pesquisador russo esclarece que a estabilidade é relativa e, portanto, os gêneros são maleáveis, dinâmicos e plásticos e não entidades estanques. Conforme cada esfera se desenvolve e fica mais complexa, os gêneros do discurso vão ampliando-se e desenvolvendo-se, tornando-se híbridos.

Uma dessas esferas, a jornalística no ambiente digital, caracteriza-se por um acentuado hibridismo, em que não temos apenas os signos verbais, mas todas as

formas ou modos de comunicação pública disponíveis nessa sociedade e, por outro, seus usos e avaliações.

³ Faz parte da cultura pomerana as mulheres casarem-se de preto, e uma das teorias é que esse dia representa a morte social da noiva que se separa da família. Notícia do G1: <http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2016/12/noivas-casam-de-vestido-preto-na-tradicao-pomerana-no-es.html>.

modalidades de linguagens ou semioses. Essa é uma das características que indica a transição do jornal impresso ao jornal digital apontada por Lé (2012, p. 183), na qual entram em cena os arquivos de áudio, vídeos, o hipertexto e também as animações, deixando a disposição dos conteúdos bastante interativa e dinâmica.

Embora a efervescência semiótica, Santos (2018, p. 60) afirma que “os textos e representações multimodais estão presentes na vida e nas relações humanas desde épocas bem anteriores à denominada “Era da Informação”, pois o próprio sistema de escrita alfabética é multimodal em seu modo de constituição.

Portanto, os textos sempre foram multimodais, tendo imagens ou não em seu conteúdo, pois a organização textual, a tipografia, a estruturação em parágrafos, a saliência, o uso de negrito e a utilização de um tipo específico de fonte do texto são recursos multimodais, portadores de significados, possibilitando, inclusive, a identificação dos gêneros discursivos.

2. Contribuições da *Gramática do Design Visual*: aspectos da orquestração textual

Em *Reading Images: a Grammar of Visual Design* (Lendo imagens: a Gramática do Design Visual), doravante GDV, Kress e Van Leeuwen (2006) deixam claro tratar-se de uma gramática funcional, baseada na comunicação ocidental, de escrita da esquerda para a direita, que não exclui a possibilidade de variação regional e social.

Inserida na estrutura teórica da Semiótica Social, os autores tematizam o significado enquanto processo e não produto como era concebido na semiótica de cunho estruturalista, assumindo que não há uma arbitrariedade entre o significado e o significante, pois os signos são criados conforme o interesse do produtor pelo objeto, no momento de fazer a representação. E isso afetará diretamente o significado, pois esse é (re) construído nas interações sociais.

Os significados pertencem à cultura, e não a modos semióticos específicos. E a maneira como os significados são mapeados em diferentes modos semióticos, a maneira como algumas coisas podem, por exemplo, ser ditas visual ou verbalmente, outras apenas visualmente, outras apenas verbalmente, também é cultural e historicamente específica. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 2)

Os autores desenvolveram seus estudos baseados na Gramática Sistêmico Funcional, proposta por Halliday (1978), a partir de três metafunções: representacional, interativa e composicional.

A metafunção representacional refere-se a representações dos objetos e as experiências externas e internas dos indivíduos. Essa metafunção trata de duas estruturas de representação: a narrativa (descreve os participantes representados em termos de ações, reações, processos mentais e de circunstâncias) e a conceitual (descreve os participantes em termos de classe, estrutura e significado). O que vai caracterizar a estrutura visual é a presença de um vetor ou traço que indique a realização dos processos, por exemplo, se é de ação ou reação. A presença de um balão de fala, por exemplo, representa um processo mental.

A metafunção interativa representa as interações sociais entre o produtor de um signo e o receptor. Kress e Van Leeuwen (2006) classificam três aspectos relativos à metafunção interativa: contato, distância social e perspectiva.

O contato é determinado pelo olhar dos participantes. Quando o participante representado (PR) olha diretamente para o participante interativo (PI), estabelecendo um vínculo com o observador (aproximação), configura-se um olhar de demanda. Por outro lado, se o PR não olha para o observador, caracteriza-se um olhar de oferta, não havendo, portanto, um contato direto.

A distância tem a ver com o tamanho do enquadramento da imagem. Nesse sentido, corresponde a captura da câmera, se o PR está mais longe ou perto do observador, conferindo proximidade ou distanciamento entre os indivíduos. Assim sendo, o enquadramento se dá em três planos: plano aberto (o corpo inteiro do PR é retratado, imprimindo afastamento); plano fechado (a imagem é retratada acima do ombro, imprimindo proximidade com o leitor); e o plano médio (o PR é mostrado até o joelho, e neste caso também não há intimidade com o leitor).

A perspectiva diz respeito ao ângulo em que o PR é representado. São três os ângulos: frontal (sugere envolvimento com o leitor. O PR é retratado cara a cara com o observador); oblíquo (o PR é retratado de lado. Os olhares dos PR e PI não se cruzam, indicando um distanciamento) e ângulo vertical (o PR é retratado de cima para baixo, e neste caso imprime poder sobre o PR).

Por outro lado, a metafunção composicional corresponde à organização espacial da imagem e a integração dos diferentes modos semióticos, consistindo em

uma estratégia para valorizar um produto ou informação, participante e objeto. Essa metafunção é constituída por três sistemas interdependentes: o valor da informação (dado/novo, ideal/real e centro/margem), saliência (elementos para chamar atenção do observador: cores, saturação, disposição no campo visual, sobreposição, dentre outros) e enquadramento (elementos que criam linhas divisórias, conectando ou desconectando elementos da imagem).

O valor da informação está relacionado à localização dos elementos (dos participantes e demais signos que se conectam uma aos outros e ao espectador) na paisagem semiótica, conferindo-lhes “valores informacionais específicos, relacionados às várias “zonas” da imagem: esquerda e direita, parte superior e inferior, centro e margem. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 177).

Dessa maneira, os recursos multimodais localizados na linha horizontal estabelecem a relação dado/novo. O dado, localizado na parte esquerda da composição, refere-se a uma informação já conhecida pelo leitor, não necessitando de explicação. Por outro lado, o novo, localizado na parte direita, indica o desconhecido ou que desperta a atenção do leitor. A linha vertical estabelece a relação ideal e real, sendo que a parte superior tende a mostrar o ideal (a promessa de algo, uma ideia), ao passo que a parte inferior é o oposto ao ideal, mostrando “o que é” na realidade”, o real. Além dessas dimensões apontadas, o valor informativo da posição centro apresenta as informações centrais, enquanto na posição margem observam-se informações mais periféricas.

A saliência corresponde à forma como os elementos (participantes, bem como os demais signos representativos e interativos) são criados para atrair a atenção do espectador. Considera-se, assim, “fatores como posicionamento em primeiro plano ou plano de fundo, tamanho relativo, contraste no valor tonal (ou cor), diferenças na nitidez etc.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 177). Ainda segundo os autores, a saliência é julgada com base em pistas visuais, na qual os espectadores constroem os sentidos julgando o ‘peso’ de vários elementos de uma composição e, quanto maior o peso maior a sua relevância.

O enquadramento, por sua vez, refere-se à presença ou ausência de linhas divisórias. Segundo os autores, a ausência de enquadramento enfatiza a identidade do grupo, ao passo que a presença de linhas divisórias significa individualidade e diferenciação.

Como se vê, a GDV apresenta inúmeras possibilidades de leituras de textos compostos por uma multiplicidade de linguagens, ao considerar os diversos recursos e modos semióticos materializados na tessitura textual.

3. Novos caminhos de leituras de mundo: aspectos semióticos na construção de sentidos

A leitura exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, tendo em vista que o texto não é um produto codificado pelo autor a ser decodificado pelo leitor. Assim sendo, é necessário levar em consideração “além das pistas e sinalizações que o texto oferece” (KOCH; ELIAS, 2013, p. 37), o conhecimento prévio, as experiências do leitor e o contexto sociocognitivo, bem como as diversas semioses, tendo em vista que os sentidos são construídos através da interação autor-texto-leitor.

Comungamos com Ribeiro (2018), ao defender que a leitura de imagens apresenta, também, complexidades e precisa ser vista como algo dinâmico e não um relance aleatório.

Quando se diz e se defende a leitura de imagens, quer-se também dizer que uma imagem carrega lá suas complexidades e segredos. Não basta ser vista, em um relance quase aleatório. Uma imagem precisa ser lida, também, à maneira de um conjunto de palavras. No entanto, as dinâmicas e sintaxes e gramáticas dessas línguas são diferentes. (RIBEIRO, 2018, p. 67)

Posto isto, em nosso trabalho, concebemos como *leituras de mundo* aquelas em que, além de incluir as experiências pessoais e contextuais, consideram-se os diversos recursos – linguísticos e semióticos – no momento do processamento textual.

Assim sendo, por ocasião do processamento textual, mobilizam-se vários tipos de conhecimentos armazenados na memória, sendo eles: I) conhecimento linguístico (corresponde ao conhecimento do léxico e da gramática, responsável pelas escolha de termos adequados e pela organização do material linguístico); II) conhecimento enciclopédico ou de mundo (compreende o conhecimento armazenado na memória do indivíduo socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência); III) conhecimento sociointeracional (refere-se ao

conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem); IV) conhecimento de modelos textuais globais (possibilita o reconhecimento de um texto como pertencente a determinado tipo ou gênero textual).

Vale salientar que achamos pertinente acrescentar a esses quatro sistemas de conhecimentos, o conhecimento semiótico. Define-se o conhecimento semiótico, em conformidade com Kress e Van Leeuwen (2006), aquele em que a produção de sentidos é mobilizada a partir da integração de diversas semioses e composições textuais, em sua distribuição espacial e tipográficas, como também através de diversos modos semióticos (fala, escrita, layout, som, gesto, imagem em movimento, dentre outros) e modalidades (brilho, iluminação, profundidade, saturação de cores), na qual o leitor ativa informações implícitas e explícitas, produzidas culturalmente e socialmente em contextos específicos.

Em suma, todos esses aspectos apontados correspondem a apenas um recorte da complexidade que é a leitura multimodal. Compreender que a composição semiótica é pensada pelo produtor do signo no momento da orquestração textual possibilita avançarmos nas discussões de diversos aspectos metodológicos da Linguística Textual e, conseqüentemente, empregar “dispositivos analíticos oriundos do campo de estudos do texto, que permitam trabalhar com tais signos” (BENTES; RAMOS; FILHO, 2010, p. 398).

4. Metodologia e análise das charges jornalísticas

Após o entendimento da multimodalidade numa perspectiva que abarca as diversas linguagens, recursos semióticos e disposições tipográficas, nesta seção serão apresentados o percurso metodológico e a análise de dados.

A metodologia adotada corresponde a abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2010: 21), “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Assim sendo, constitui a abordagem ideal que possibilitará interpretar o fenômeno da multimodalidade, verificando como os recursos multimodais interferem/potencializam na/a leitura e construção dos sentidos, a partir da apreensão dos objetos do discurso.

O corpus a ser analisado é constituído por 30 textos do domínio jornalístico, sendo selecionados como amostra 5 charges. A escolha pelo jornal *Folha de São*

Paulo justifica-se por ser um jornal de grande circulação nacional, com publicações diárias de notícias.

A coleta foi realizada no período compreendido de janeiro à outubro de 2018, sendo utilizada a função printscreen de capturas de telas. Posteriormente, os dados foram organizados em pastas no computador, adotando os seguintes critérios para a composição da amostragem: 1) identificar amostragem mais visualmente informativa; e 2) identificar os elementos de ordem imagética, tipográfica, links, cores, emojis, recursos que conferem movimento, som e disposição dos elementos na composição textual.

Quanto à escolha do gênero em análise, ressaltamos que a charge é um gênero discursivo da esfera jornalística, constituída por elementos verbais e não-verbais – multimodal – que utiliza o humor e a ironia como ferramenta de crítica social. Normalmente, publicada no caderno de opinião, a charge atrai a atenção do leitor por tratar-se de uma leitura rápida, carregada de informações e que possui “[...] relações com outros textos, que aparecem não só no próprio jornal, mas também fora dele” (ROMUALDO, 2000: 17). A seguir, na análise das figuras (2) a (6), identificamos os aspectos multimodais envolvidos na construção de sentidos a partir do referido gênero.

Podemos observar na figura (1) uma crítica social, utilizando-se apenas de uma introdução referencial “Um país moribundo” e elementos não verbais. “Um país moribundo”, na verdade, está atuando como uma âncora da máquina lava a jato, devendo o leitor recuperar o contexto para construir o sentido textual (KOCH; ELIAS, 2013).

Figura 1 – Um país moribundo



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 31 de março de 2018

No centro da imagem, notamos uma máquina comum nos postos de gasolina “Lava à jato”. A máquina divide dois momentos: de um lado homens engravatados carregando sacos e maletas de cifras de dinheiro, com a expressão facial de felicidade. Eles parecem comemorar algo, fato indicado por um dos participantes representados estar segurando uma taça. Ao chegar perto de atravessar a máquina de lava a jato, identificamos uma mudança facial em um dos homens e, em seguida, esses saem doentes, abatidos e hospitalizados.

O que a chargista quer retratar, na verdade, é um contexto social em que muitos políticos envolvidos na operação Lava Jato foram condenados devido à lavagem de dinheiro, gestão fraudulenta e vários outros delitos. No entanto, ao serem presos alegam problemas de saúde, cumprindo suas penas em prisão domiciliar. No dia anterior a essa charge, Paulo Maluf, deputado federal e ex-prefeito da maior cidade do Brasil, São Paulo, havia solicitado o referido benefício, passando a cumprir a pena em sua casa nos Jardins, um bairro classe A de São Paulo.

Compondo a imagem, ainda, visualizam-se de costas para o leitor, duas pessoas uniformizadas que, muito provavelmente, são policiais. Nenhum dos personagens representados interagem através do olhar com o leitor. O último é quem olha para fora da narrativa, apontando provavelmente que outros políticos ou serão presos ou solicitarão o benefício. Além disso, a cena é retratada em tons de cinza, algo que remete à frieza, à seriedade, ao caos. O plano de fundo é neutro, deixando saliente os envolvidos na composição textual. Algo também emblemático é que todos os personagens são retratados com o nariz vermelho, provavelmente, para realçar a mentira dos políticos. Aliás, há uma estreita relação entre nariz e mentira, constituindo uma intertextualidade com o conto de fadas “Pinóquio”. No conto de fadas, para cada mentira, o nariz de Pinóquio crescia. Assim, no imaginário coletivo, configura-se essa associação entre nariz e mentira: “Quem mente o nariz cresce”. E a expressão referencial em negrito e de cor chamativa, um dos recursos semióticos do texto chágico, realça a carga simbólica da expressão **UM PAÍS MORIBUNDO**, um país doente, afetado pela corrupção. Por isso, é importante entender o momento histórico-cultural da charge, pois ela “é, ao mesmo tempo, resultado dele” (CAVALCANTE, 2008, p. 39).

Nas figuras (2) e (3) percebe-se que as charges assumiram novos formatos, podendo ser verificados processos de introdução, retomadas e reconstrução de objetos de discurso. Na figura (2), no primeiro quadrinho, visualiza-se aparentemente um político. O plano de fundo é neutro nos dois primeiros quadrinhos e o personagem representado olha para o leitor com um olhar de demanda, de intimidade, de diálogo. Nesse sentido, há uma interação direta pelo olhar (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), caracterizando um dos aspectos discutidos da metafunção interativa que é o contato.

Figura 2 – Tempos sombrios



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 2 de outubro de 2018

Como em seus discursos, o candidato a presidente, Jair Bolsonaro, defendia a reformulação da constituição e a liberação do uso de armas, a chargista Laerte cria a charge a partir desse contexto. Quando o personagem representado diz que devemos evitar os dois extremos: “os que apoiam a volta dos tempos sombrios, da censura, do...”, sua voz é silenciada. Esses tempos sombrios a que a autora se refere é ao período militar de 1964, no qual muitos cidadãos foram mortos, torturados e deportados por não aceitarem à censura e a proibição de direitos, dentre outros. No último quadrinho, depreende-se que o microfone foi desligado, inclusive a onomatopeia confere um discurso audiovisual ao texto (PAGLIOSA, 2005: 121). A cor de fundo é alterada, deixando claro que seu direito de expressão foi violado, ou seja, representa a volta aos tempos sombrios.

Na figura (3), observa-se a caricatura do presidente Michel Temer e a candidata a ministra do trabalho Cristiane Brasil. O texto faz referência à suspensão da posse da filha d ex-deputado federal, Roberto Jefferson, ao Ministério do Trabalho por causa de condenações que Cristiane Brasil sofreu na Justiça Trabalhista, contrariando, assim, ao princípio da moralidade determinado pela constituição. Trata-se, portanto, de um fato existente no mundo real, e assim sendo, percebe-se que “os gêneros não aparecem desarticulados dos contextos situacionais, pelo contrário, são produtos dele” (CAVALCANTE, 2008: 25).

Figura 3 – Suspensão da posse ao Ministério do trabalho



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 09 de janeiro de 2018

Na sequência narrativa da charge, visualiza-se, inicialmente, no primeiro quadrinho os objetos de discurso visual Cristiane Brasil e o presidente Michel Temer. No segundo quadrinho, eles são retomados com mudanças de expressão facial. Além disso, é introduzido um novo objeto de discurso que, no caso, é o balão de fala, um balão que vem de fora. No terceiro quadrinho, os personagens são retomados mais uma vez e o balão (voz) é desativado. No último quadrinho, os personagens iniciais são retomados, mas, desta vez, o presidente não entrega a pasta do Ministério do Trabalho para Cristiane Brasil assinar, oferecendo outra pasta, a da cultura.

Constatamos, desta forma, que as expressões faciais dos personagens também atuam na construção textual do sentido. Inicialmente com expressão calma, depois, surpresos, em seguida pensativo e por último com expressão de receio, remetendo à não realização da solenidade de posse da candidata. Isso corrobora

com o que Dionísio (2011) diz que a multimodalidade abarca outros modos de representação, como expressão facial, gestos, postura, entonações, dentre outros.

Vê-se, também, um dos símbolos característicos do Brasil estampado na mesa. Todos esses elementos contribuem para a construção do sentido textual. A crítica observada no texto chágico é justamente a manobra política utilizada pelo presidente, reconduzindo a candidata para outra pasta do ministério – a da cultura. Isto posto, percebe-se uma diminuição da importância da pasta da cultura, como se ela não fosse uma das mais importantes, podendo qualquer político assumir independente de condenações penais.

Dessa forma, é preciso que haja um aprofundamento dos mecanismos a serem usados nos processamentos sociocognitivo interacional de textos compostos por signos de diversas naturezas.

Retomando Ribeiro (2018: 67), percebe-se que “uma imagem precisa ser lida, também, à maneira de um conjunto de palavras. No entanto, as dinâmicas e sintaxes e gramáticas dessas línguas são diferentes”. Na figura (4), por exemplo, podemos constatar uma profundidade semiótica, no que tange à representação dos envolvidos na orquestração textual. O plano de fundo da imagem é a de uma folha de caderno com letras escritas em cursiva, indicando, inclusive, o processo inicial de aprender a ler e escrever. No centro da composição, visualiza-se uma família aparentemente humilde, identificada pelas roupas.

Figura 4 – 11,5 milhões de analfabetos no Brasil



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 20 de maio de 2018

Saliente e sobreposta aos personagens representados na figura (4), identifica-se a letra X, ou seja, estas pessoas não são alfabetizadas, indicando que são

excluídas pelo sistema educacional brasileiro. A saliência, inclusive, faz parte da metafunção composicional de Kress e Van Leeuwen (2006), configurando-se enquanto pistas visuais, com as quais os leitores constroem os sentidos julgando o ‘peso’ de vários elementos da composição.

Ainda pode ser observado do lado direito a expressão “11,5 milhões de analfabetos no Brasil”, escrita no fundo preto para indicar algo negativo. Aliás, em duas das charges analisadas, o preto está relacionado a aspectos negativos, o que remete a uma construção social, na qual, durante o processo de colonização do Brasil, os negros foram utilizados como escravos, submetidos a diversos tipos de torturas e silenciados, sendo sua ancestralidade e religiosidade tratados pelo colonizador numa perspectiva depreciativa e até mesmo inexistente.

Nessa direção, é válido destacar que o X – elemento tipográfico –, no processo de (re) elaboração pelo produtor do signo (motivação) ganha uma nova carga de sentidos, sendo o mesmo entendido no interior do discurso chágico.

De maneira análoga na figura (5), podemos verificar diversos recursos multimodais, atuando de forma colaborativa. Inicialmente, no centro da composição verbovisual, constatam-se três pessoas: duas encapuzadas e uma sentada numa cadeira de tortura. Eles estão colocados em destaque por uma iluminação que materializa um círculo. No chão há manchas de sangue, o que possibilita ao leitor inferir que se trata de uma cena de tortura, tanto pela máquina de choque elétrico e o personagem algemado na cadeira, quanto pela ferramenta que um dos encapuzados está segurando.

Figura 5 – Eleição



Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 25 de setembro de 2018

Ainda na charge, podemos perceber um elemento tipográfico, dando saliência a palavra “eleitos”. O balão de fala com o texto verbal “...Desta vez nós fomos eleitos para isso”, sem o recurso tipográfico não cria o mesmo efeito de sentido. Ao utilizar esse recurso multimodal, a chargista Laerte está dando ênfase ao processo eleitoral ao cargo para Presidente da República. Também, chama a atenção do leitor para dizer que a decisão está em suas mãos. Se na época da ditadura militar não houve eleição e sim a tomada do governo, agora cada cidadão exerce criticamente o seu direito de voto. O final da mensagem “para isso” está encapsulando uma informação depreendida através do objeto de discurso visual, o homem torturado (tempos sombrios).

Portanto, os significados são elaborados através da integração de todos os recursos semióticos na construção em um todo significativo. As charges analisadas, com poucos recursos linguísticos, exigem que o leitor ative o seu conhecimento de mundo e realize diversas inferências. Também é necessário o conhecimento semiótico, o linguístico e o sociocognitivo interacional para depreender os sentidos a partir de contextos situados sócio-historicamente.

5. Considerações finais

O trabalho objetivou analisar os recursos multimodais que interferem na leitura e construção textual dos sentidos, a partir da depreensão dos objetos do discurso, em charges jornalísticas do jornal digital *Folha de São Paulo*.

Vimos que é necessário, no momento do processamento textual, que o leitor ative os quatro sistemas de conhecimentos (conhecimento linguístico, conhecimento de mundo, conhecimento dos modelos textuais globais e o conhecimento sociointeracional) proposto por Koch e Elias (2013), bem como o conhecimento semiótico, para que a instabilidade característica dos objetos do discurso alcance a estabilidade a partir das inferências realizadas pelo leitor. Claro que, neste momento, a estabilidade dos objetos do discurso ocorre de forma diferente para cada leitor, haja vista que a realidade sociocultural, as experiências e as crenças, dentre outros, são constitutivas de cada sujeito.

Também foi possível verificar as etapas de ativação dos objetos de discurso proposto por Kress e Van Leeuwen (2006), sendo constatado que diversos recursos multimodais atuam de forma colaborativa na construção textual dos sentidos. As tipografias, dentre os diversos recursos multimodais, foram utilizadas pelos chargistas com a finalidade de promover saliência, realçar uma palavra, dar entonação e organizar o texto.

Constatamos, ainda, que com a passagem do jornal impresso para o digital, as charges não abarcaram semioses como a inserção de hipertexto e nem recurso de áudio. Assim sendo, outros recursos são explorados para conferir um discurso audiovisual, como as onomatopeias, a utilização de balão de barulho, sinais gráficos indicativos de sons, dentre outros. As cores, também, são um dos grandes recursos utilizados pelos chargistas para expressarem seus projetos de dizer.

Portanto, a partir dos resultados desse trabalho, podemos ressaltar que a multimodalidade é imprescindível para a construção dos sentidos, contribuindo para o alargamento do conceito de texto. Assim sendo, o tema é de grande relevância para trabalhar a leitura, a escrita, a produção textual e promover atividades que conduzam aos (multi) letramentos. No contexto permeado pela multiplicidade de linguagens, é de suma importância que os processos formativos de futuros professores abarquem a temática em questão, de forma a contemplar os textos reais da vida diária dos alunos.

6. Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ____ **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando os desafios do texto. In: ____ BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Orgs). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-424.

CAVALCANTE, Maria Clara Castanho. **Multimodalidade e Argumentação na Charge**. 2008. 102 fl. Dissertação (mestrado). Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: _____ KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECKZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011, p. 137-151.

HEINE, Lícia Bahia; SOUZA, Iracema Luíza de; SALES, Myrian Conceição Crusoé Rocha. O texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase na Linguística Textual. In: _____ HEINE, Lícia Bahia (et al) (Org.). **Inquietações do texto e do discurso:** Interpelações, debates e embates. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 15-32.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. 3ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

KRESS, Gunther. **Multimodality:** a social semiotic approach to contemporary communication. New York, Routledge, 2010.

KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the Grammar of Visual Design.** 2 ed. London: Routledge, 2006.

_____. **Multimodal discourse:** The modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold, 2001.

LÉ, Jaqueline Barreto. **Referenciação e gêneros jornalísticos:** sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital. 2012. 191fl. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2001.

PAGLIOSA, E. **Humor:** um estudo sociolinguístico cognitivo da charge. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje:** palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, Mídias, Linguagens.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: Um estudo de charges da Folha de São Paulo.** 1ª reimp. Maringá: Eduem, 2000. SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. Multiletramentos e ensino de língua portuguesa na educação básica: uma proposta didática para o trabalho com (hiper) gêneros multimodais. **Signo.** Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 76, mar. 2018. ISSN 1982-2014.